

Cadernos
IHU *ideias*



ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
Ano 14 • n° 245 • vol. 14 • 2016

Esquecer o neoliberalismo:
aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo

Moysés Pinto Neto

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



 UNISINOS

Esquecer o neoliberalismo:
aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo

*Forgetting neoliberalism:
Accelerationism as the third spirit of capitalism*

Resumo

Desenvolve-se no texto a hipótese de que a compreensão dos movimentos que apresenta o capitalismo contemporâneo passa pela superação da ideia de “neoliberalismo” como deflação do Estado e amplificação do mercado. Busca-se, no lugar disso, apresentar as relações entre Estado e mercado como dialeticamente complementares na sua “modernização” – observando recentes exemplos “neoliberais” e “desenvolvimentistas” – no sentido da implementação de um ethos aceleracionista baseado em um regime 24/7 de trabalho, produção e consumo que se alastrou a partir da “hiperconectividade” e da “tempestade de estímulos” na era das redes digitais. Finalmente, desloca-se a polaridade para o aceleracionismo e sua recusa, relevando o papel das contraculturas e outras formas extramodernas como experimentação utópica e ponto de fuga do aceleracionismo capitalista.

Palavras-chave: Neoliberalismo; Aceleracionismo; Capitalismo.

Abstract

The text discusses the hypothesis that understanding the movements exhibited by contemporary capitalism involves overcoming the idea of “neoliberalism” as a deflation of the state and amplification of the market. It describes, instead, the relations between state and market as dialectically complementary in their “modernization” – by examining recent “neoliberal” and “developmentalist” examples – in the sense of implementing an accelerationist ethos based on a 24/7 regime of work, production and consumption that has spread on the basis of the “hyperconnectivity” and “storm of stimuli” in the era of digital networks. Finally, the polarity is shifted to accelerationism and its refusal, highlighting the role of countercultures and other extramodern forms as utopian experimentation and vanishing point of capitalist accelerationism.

Keywords: Neoliberalism; Accelerationism; Capitalism

Cadernos
IHU *ideias*

**Esquecer o neoliberalismo:
aceleracionismo como
terceiro espírito do capitalismo**

Moisés Pinto Neto

ULBRA – Universidade Luterana do Brasil

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 14 • nº 245 • vol. 14 • 2016

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS 

Cadernos IHU ideias é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor: José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo: Jacinto Schneider

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XIV – Nº 245 – V. 14 – 2016

ISSN 1679-0316 (impresso)

ISSN 2448-0304 (online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial: MS Jéferson Ferreira Rodrigues; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. MS Gilberto Antônio Fagion; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Klipp, Unisinos, doutora em Comunicação.

Responsável técnico: MS Jéferson Ferreira Rodrigues

Imagem da capa: Christoph Kelly (Freelmagens.com)

Revisão: Carla Bigliardi

Editoração: Rafael Tarcísio Fomeck

Impressão: Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003) - . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .

v.

Quinzenal (durante o ano letivo).

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).

ISSN 1679-0316

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 316

1

32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467
Email: humanitas@unisinos.br

ESQUECER O NEOLIBERALISMO: ACELERACIONISMO COMO TERCEIRO ESPÍRITO DO CAPITALISMO

Moysés Pinto Neto

ULBRA – Universidade Luterana do Brasil

Como na época da aceleração os anos já não começam nem terminam, apenas se emendam, tanto quanto os meses e como os dias, a metade de 2016 chegou quando parecia que ainda era março. Estamos exaustos e correndo. Exaustos e correndo. Exaustos e correndo. E a má notícia é que continuaremos exaustos e correndo, porque exaustos-e-correndo virou a condição humana dessa época. E já percebemos que essa condição humana um corpo humano não aguenta. O corpo então virou um atrapalho, um apêndice incômodo, um não-dá-costa que adocece, fica ansioso, deprime, entra em pânico. E assim dopamos esse corpo falho que se contorce ao ser submetido a uma velocidade não humana. Vivamos exaustos-e-correndo-e-dopados. Porque só dopados para continuar exaustos-e-correndo. Pelo menos até conseguirmos nos livrar desse corpo que se tornou uma barreira. O problema é que o corpo não é um outro, o corpo é o que chamamos de eu. O corpo não é limite, mas a própria condição. O corpo é.

(Eliane Brum)

1. Neoliberalismo e seus inimigos: por um reequacionamento

O mundo vivia uma longa e suposta *pax* mundial de três décadas que ousou se autodenominar “Fim da História” – ancorada no pressuposto de que “não há alternativa” –, quando foi abalroado por um enxame de pessoas ocupando as ruas com o coro: “erro no sistema”.

A segunda década do século XXI vive um grande ciclo de manifestações de 2011 a 2014 motivado pela crise de 2008 e pelo vazamento de informações da Wikileaks sobre os bastidores da política internacional,

com a criação de novos movimentos sociais a partir da confluência das redes digitais (Gutierrez, 2013; Castells, 2013). Apesar disso, o “neoliberalismo” parece, nos idos de 2016, estar partindo novamente para a ofensiva e promovendo uma grande restauração mundial nos nossos dias (Srnicek e Williams, 2015, pp. 51-52; Shaviro, 2013). A incapacidade de construção de um projeto alternativo diante da janela de oportunidade, com o virtual encerramento do “ciclo progressista” nos países da América do Sul (Schavelzon, 2015) e a situação incômoda que o Syriza na Grécia teve de enfrentar após sua eleição, sem falar da alternativa terrível do populismo de extrema direita, mostram que o chamado por alguns de “pós-neoliberalismo” não conseguiu ganhar forma clara.

Talvez o que esteja em jogo, nesse caso, é uma incompreensão em torno do que é neoliberalismo – ou, mais especificamente, em torno do que exatamente se está enfrentando. A suspeita que percorre esse ensaio insinua ao mesmo tempo duas coisas: primeira, que o termo caiu em defasagem quando a estratégia rival, o neodesenvolvimentismo, mostrou-se portador de um núcleo lógico-político comum; segunda, que ambos podem ser melhor representados na figura do *aceleracionismo capitalista*.

Identifica-se geralmente o neoliberalismo como o ciclo posterior ao Choque do Petróleo, representado sobretudo pelos governos Thatcher e Reagan, que promove um desmanche do Estado de bem-estar social implementado ao longo dos “Anos Dourados” na Europa e nos EUA, substituindo as políticas de inclusão social e controle econômico que subsistiam no período por um enfoque mais competitivo na sociedade, desregulador na economia e punitivo no comportamento (Hobsbawm, 1995, pp. 393-420; Wacquant, 2001, p. 77). A “solidariedade social” ou “cultura cívica” que formava a imagem da “Grande Sociedade” dos anos 50, 60 e 70 teria dado espaço a um hobbesianismo do “cada um por si” cujo retrato pode ser expresso pela frase de Thatcher: “não existe a sociedade, apenas indivíduos e suas famílias”. O que caracterizaria esse período seria progressiva deflação do Estado e inflação do mercado, promovendo uma “comodificação” geral da vida com a hegemonia da forma-consumo sobre todos os demais modos de relação humana. A esse declínio corresponderia o abandono da política e a absolutização da economia, figurando esta como única linguagem válida em uma esfera pública tecnocrática (Bauman, 1999, pp. 63-84; idem, 2000, pp. 78-84).

Apesar de a desregulação dos mercados financeiros ser um traço indelével dessa formação, outros traços, como a militarização policial e a onipresença da vigilância, a arquitetura condominial-gentrificada das cidades e a formação de oligopólios que seguem a forma-Estado (corpo-

rações) atuando transnacionalmente com seu imenso poder de pressão plutocrático, tudo isso tem bem pouca relação com a teoria liberal, reduzida apenas a uma ideia regulativa que, na prática, funciona como “racionalização” no sentido freudiano. Na Criminologia, por exemplo, existe uma ampla gama de estudos capitaneados por autores como Loïc Wacquant (2001, pp. 77-95), Jock Young (2002, pp. 23-33) e David Garland (2001, pp. 193-205) relacionando a explosão da massa carcerária das últimas décadas com uma estratégia geral de “criminalização da pobreza”, com a progressiva substituição do Estado Social por um Estado Penal.

Estratégias de gentrificação e condominialização do espaço urbano, com a contrapartida na proliferação de favelas e destruição do espaço público, formam um arco de investigação espacial que abrange os estudos de Mike Davis (2006, pp. 13-77), David Harvey, Henri Lefebvre (2001) e, entre nós, Ermínia Maricato (2012, pp. 83-88), Raquel Rolnik e Antonio Risério (2012, pp. 301-332). A militarização da segurança, muitas vezes associada à presença de megaeventos como Olimpíadas, Copa do Mundo, festivais e encontros de chefes de Estados e corporações, avança na exportação de um modelo mal realizado de transição de ditaduras da periferia para o centro¹, promovendo uma repressão generalizada contra movimentos sociais (Jennings et al, 2014). Finalmente, um vetor de progressiva subjetivação mediada por discursos de administração e gestão, hibridizando metas de trabalho com estratégias de guerra, motivação e autoajuda no âmbito corporativo e para além dele (Boltanski e Chiapello, 2009, pp. 83-132; Dejours, 2003, pp. 20-25).

O texto busca mostrar que para compreender a confluência de todos esses fenômenos em seu patamar mais geral – como redefinições do tempo e do espaço – é preciso penetrar no “espírito” contemporâneo do capitalismo, seguindo as trilhas de Max Weber e depois Luc Boltanski e Eve Chiapello. Esse “terceiro espírito” hoje pode ser denominado de “aceleracionismo”: a superestimulação e exploração ao máximo dos corpos vivos e da Terra sem respeitar os fluxos ‘naturais’, eliminando todas as fronteiras e dualismos (por exemplo, público e privado, corpo e mente). Nesse caso, a grande polêmica que povoa até hoje o ima-

1 Diz Paulo Arantes: “... a coexistência e determinação recíproca do Centro e da Periferia no mesmo espaço social, mola secreta da ‘dupla fidelidade’ que agonizava nossos varões sabedores –, muito mais agora, em princípio pelo menos, que nossa fratura colonial congênita foi enfim igualada pela de um mundo que obviamente jamais conheceu a condição colonial (salvo os Estados Unidos e num outro registro, muito embora tenha sido uma República escravista), mas agora tão polarizado quanto uma imensa periferia, periferia que por seu turno sempre apostara no processo inverso, imantada pela redenção da homogeneidade social à europeia que agora se esfarela...” (Arantes, 2004, p. 58).

ginário político entre os nostálgicos do Estado de bem-estar social – no Brasil, em sintonia com o imaginário desenvolvimentista – e o “neoliberalismo” é superada porque ambos pertencem ao mesmo espectro. Somente recuperando o sentido da experiência contracultural dos anos 60 e 70, finaliza o texto, podemos encontrar um desafiante à altura do terceiro espírito. O objetivo do ensaio, entre outras leituras possíveis e seguindo a posição “estrategista” de Guy Debord², é deslocar a polaridade para esse flanco.

2. Do neoliberalismo ao aceleracionismo: o germe da “modernização”

O elemento “modernizador” e sua configuração é o traço mais forte, porque *prospectivo*, do “liberalismo” na sua fase atual: ele é a base retórica do *aceleracionismo*. Não há projeto que não encontre a justificativa modernizadora: dos programas tecnocráticos de avaliação na educação aos empreendimentos imobiliários; da supressão da proteção social do trabalho à construção de usinas hidrelétricas sobre territórios indígenas. Esse é o eixo comum que redefine um tempo intensificado e totalmente ocupado e um espaço estriado e segregador, configurando o rearranjo do espaço público por meio da hiperconectividade das redes em sintonia com a transformação gentrificadora e condominial da urbanidade.

O termo ‘aceleracionismo’ foi usado por Alex Williams e Nick Srnicek no seu recente ‘Manifesto Aceleracionista’, que propõe, como contraponto às alternativas de resistência desenhadas contra o capitalismo contemporâneo, sua *intensificação*, construindo as teses a partir de uma leitura que perpassa o ‘Fragmento sobre as máquinas’, de Marx, e sobretudo ‘O Anti-Édipo’, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, e os trabalhos de Nick Land³. Segundo eles:

Se há algum sistema associado a ideias de aceleração, é o capitalismo. O metabolismo essencial do capitalismo demanda crescimento econômico, com competição entre entidades capitalistas individuais, mobilizando desenvolvimentos tecnológicos crescentes, na tentati-

2 “Muitos anos atrás, eu discutia com Guy Debord questões que a mim pareciam ser de filosofia política, até que em certo ponto Guy me interrompe e diz: ‘Olhe, eu não sou um filósofo, sou um estrategista’. Esta frase me chocou porque eu o considerava um filósofo, assim como considerava a mim mesmo um filósofo, e não um estrategista. Mas creio que aquilo que Guy queria dizer é que todo pensamento, por mais puro, por mais geral e por mais abstrato que seja, é sempre marcado por assinaturas históricas, temporais e, portanto, sempre preso, de alguma maneira, a uma estratégia e a uma urgência” (Agamben, 2010).

3 O termo foi cunhado por Benjamin Noys de modo crítico em Noys, 2010, depois apropriado por Srnicek e William no “Manifesto” (2013, 2014). Para uma perspectiva mais completa, ver Noys (2015), Danowski e Viveiros de Castro (2014), Shaviri (2015) e MacKay e Avanessian (2014).

va de alcançar vantagem competitiva, tudo acompanhado por uma crescente mobilidade social. Em sua forma neoliberal, essa autoapresentação ideológica é uma das forças de liberação das forças de destruição criativa, liberando inovações tecnológicas e sociais em contínua aceleração (2013).

Srnicek e Williams jogam a demanda por aceleração do capitalismo contra ele próprio, mostrando que o neoliberalismo travaria inúmeros processos de desterritorialização que outro modo de produção poderia dinamizar, propondo, em contraponto às tendências “localistas” (que, mais tarde, serão chamadas de “folk politics”), uma apropriação do poder com programa e planejamento para intensificação desses processos. De qualquer modo, o que nos interessa aqui – por uma questão de foco em relação às diversas questões que a perspectiva propõe e que foram e serão enfrentadas em outros lugares (Danowski e Viveiros de Castro, 2014; Noys, 2015; Pinto Neto, 2016) – é a identificação da *aceleração* como traço específico do capitalismo contemporâneo.

O que caracteriza o modelo produção/consumo que se estabelece desde a Revolução Industrial e maximiza ao longo do século XX, não é apenas a dominância do mercado ou do estado, mas sua cumplicidade cíclica para manter girando a roda do “progresso”, confundindo a melhoria da qualidade de vida com a acumulação de mercadorias e estimulando uma vida mediada e medida pelo dinheiro e pautada pelo binômio trabalho/consumo. Celso Furtado – uma importante influência no debate público “desenvolvimentista” que supostamente seria o oposto do neoliberalismo, com sua ênfase no Estado –, por exemplo, sempre pontuou que a “civilização material” não é apenas a constituição de uma matriz econômica, mas a base de um *ethos* social. A “civilização material” – projeto da sociedade industrial e seus valores –, pressuporia uma “homogeneização” da população ainda inexistente nos países subdesenvolvidos, nas quais o processo ainda estaria ligado apenas ao mimetismo dos donos do excedente em relação aos estilos de vida dos países industrializados (Furtado, 2013, pp. 81, 253, 255-256, 441-442).

Nesse sentido, o modelo que se aprimora da década de 70 para frente – com o emperramento da máquina produtiva pela Grande Recusa dos movimentos contraculturais e pela dificuldade de articular mais aceleração a partir da pressão dos sindicatos e fortalecimento dos trabalhadores – é uma tendência intensificadora do movimento de produção/consumo cuja expressão maior é o impulso na tecnologia. Como mostram Boltanski e Chiapello, o “neoliberalismo” vence a batalha pela “eficiência” em relação ao Estado de bem-estar, dinamizando suas estruturas “engessadas” pela proteção social do trabalho a partir da ideia

que essas barreiras teriam que ser derrubadas e substituídas por uma estrutura meritocrática que possibilitaria a democratização da riqueza sem limites (Boltanski/Chiapello, 2009, pp. 230-238; Hobsbawm, 1995, p. 399).

A desigualdade não se põe mais como problema, já que a riqueza é vista como o fermento que faz crescer o bolo, é um catalisador do processo de crescimento, da melhoria tecnológica que otimiza os bens de consumo. Como o “cidadão” antes identificado com valores tradicionais vê esses valores em sua maior parte dissolvidos pelas revoltas contraculturais dos anos 60, o “ideal de vida” passa a ser identificado com a posição de consumidor. Nesse caso, o mercado é preferível ao Estado porque consegue produzir com mais velocidade mais bens de consumo, gerando “felicidade” até o nível da intoxicação desse indivíduo conectado a essa rede de estímulos e valores. Trata-se, portanto, de quem consegue *acelerar mais* – e isso explicará o fracasso do projeto brasileiro atual.

A visão economicista dominante no Brasil (p.ex., Néri, 2010, pp. 24-29; Pochmann, 2014, pp. 47-71; Singer, 2012, pp. 155-168) é insuficiente para compreender esse processo não por criticar o neoliberalismo, mas porque muitas vezes hesita em ultrapassar o econômico e problematizar o capitalismo como forma de vida. E a mutação que passamos ao longo do final da década de 70 não se explica apenas pelo recolhimento do Estado e da proteção social correspondente. Precisamos entender o que o poder produz positivamente: no caso, corpos que desejam consumir, que medem o “sucesso” individual e político pela capacidade do sistema de intensificar o progresso tecnológico e a diversificação de mercadorias.

Essa intensificação aceleracionista é o cerne do próprio processo de “crescimento econômico”, pauta quase única dos debates em torno da vitória política de um grupo ou de outro, da direita ou da esquerda. Para compreender o porquê da vitória do “neoliberalismo” mesmo *contra* a maioria (isto é, os trabalhadores), é preciso compreender essa economia do desejo consumidor que mobiliza os afetos na nossa sociedade, percebendo que a forma de vida coletiva se estabelece não a partir de indivíduos atomizados e livres, mas por meio de uma subjetivação que atravessa o espectro social quase como um todo, tornando-se o verdadeiro objeto de disputa política (não por acaso muitos confundem o neoliberalismo com a tecnocracia, já que o que estaria em jogo seria eminentemente quem é o melhor “gestor”, quem faz a máquina girar com maior velocidade, quem é capaz de intensificar mais).

3. A tempestade de estímulos e o cansaço permanente

Guy Debord, em ‘A sociedade do espetáculo’, não estava apenas explorando um tipo específico de performance ou um modo de expressão da vida capitalista, mas a própria transformação da vida em espetáculo, a mutação do aparecer não como casca que tomava o lugar de algo profundo, mas como metamorfose imanente à própria *forma* de vida que girava no vazio. Ou, como afirma Türcke,

tão certo se deve ter um conceito de capitalismo para conceituar suas mudanças, tampouco sua estetização espetacular é apenas uma nova roupagem que se precisa tirar para ‘desmascará-lo’ como um velho conhecido. Essa estetização aderiu ao capitalismo, é a sua pele – não seu envoltório – e urge, até mesmo os conceitos, os quais são conhecidos, pegá-lo de forma mais precisa, redefini-lo. Fetichismo não é mais aquilo que foi quando insiste na fixação do sensorio humano no espetacular (Türcke, 2010, pp. 11-12).

O capitalismo da Terceira Revolução Industrial é uma intensificação máxima do desempenho que se confunde com a própria vida sem deixar restos. Ele quer povoar todos os instantes, se apropriar de todos os espaços vazios a fim de fazer com que essa hiperconectividade produza monetarização (Shaviro, 2013 e 2015; Cray, 2014, p. 80)⁴. Trata-se, portanto, de um salto diante do pós-fordismo e do “novo espírito do capitalismo” que Boltanski e Chiapello descrevem, ainda restrito ao âmbito da “empresa” e seu sujeito “motivado” pela autoajuda e técnicas de gestão: aqui, é a vida como um todo que é capturada pelo dispositivo intensificador, eliminando todo aspecto “noturno” que não “produza”.

Podemos nomear essa tendência de “tempestade de estímulos”, consistindo no bombeamento permanente de choques tecnicamente produzidos sobre o sistema neurológico (Türcke, 2010, p. 12). Christophe Türcke, com base freudiana, desenvolve a hipótese de que o pensamento humano se produz no trabalho de elaboração do trauma por meio da repetição, partindo gradualmente do sacrifício real até sua forma simbólica. Türcke vê na *Interpretação dos Sonhos* de Freud uma chave para o surgimento do pensamento. A partir das operações de condensação, deslocamento e inversão, típicas do sonho, ele identifica as raízes do processo que levou o animal humano ao seu estado atual. Para tanto, evita a definição de pulsão como “fronteira entre físico e psíquico” e se prende, ao

4 O que, no entanto, ainda não foi integralmente alcançado, permanecendo a *web* com zonas cinza de lucratividade e espasmos de potência para outras formas econômicas – esses pontos ainda estão em clara disputa.

contrário, na questão da descarga de estímulos: um organismo busca descarregar tensões.

O elemento central da pulsão é, por isso, a “compulsão à repetição”, que viabiliza – mediante condensação, deslocamento e inversão – ao homínideo amenizar o “susto da natureza”, numa espécie de domesticação pela repetição suavizadora. Assim, em sequência o “susto” é concentrado no sacrifício humano, para em seguida dirigir-se aos animais e finalmente aos seres brutos. Com essas operações, gradualmente a dimensão de pensamento – que no início é coletiva (ou melhor, o coletivo é indissociável do individual) – vai se “internalizando”, formando o “espaço mental”. Assim Türcke, um materialista convicto, define o surgimento do espírito (Türcke, 2010b, *passim*; 2010, pp. 121-134, 140-141). A sociedade contemporânea, diz ele em *A sociedade excitada*, sustentada na “exploração da concentração”, viveria no permanente estado de “excitação” incapaz de promover o *delay* necessário ao pensamento (Türcke, 2010, pp. 274-281, 302-310)⁵.

Assim, retomando um debate em torno do conceito de lazer, do hobby e da *permanente ocupação* que caracterizaria a sociedade do Novo Mundo comum a Günther Anders, Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Theodor Adorno, alemães emigrados impressionados com o *american way of life* dos anos 50 e 60, Türcke chama atenção para a quantidade de tarefas que hoje são executadas simultaneamente, configurando uma espécie de compulsão. A “compulsão à ocupação”, diz ele, “é especificada em uma compulsão à emissão. Ela transforma-se, entretanto, em uma forma vital de expressão”. Trata-se de uma nova modalidade de *horror vacui*, agora direcionada contra o ócio: “não emitir é equivalente a não ser – não apenas sentir o *horror vacui* da ociosidade, mas ser tomado da sensação de simplesmente não existir” (2010, pp. 44-45; ver ainda pp. 263-268). Eis então um “corpo radioativo” que se move por choques.

Jonathan Crary, em um brilhante trabalho recente, nomeia o modelo de 24/7 (24 horas, 7 dias por semana) (Crary, 2014, pp. 18-19). O ritmo ininterrupto se acopla nas tecnologias de informação e coloniza a vida como um todo, tornando onipresente o trabalho e desrespeitando as barreiras “naturais” (isto é, a longa economia da Terra, da vida e da espécie humana), tendo como tipo ideal o “ciborgue” desafetado, um infinito reservatório de informação com capacidade acelerada de processamento e

5 A hipótese de Bernard Stiegler, construída sobre outra base teórica (Heidegger, Leroi-Gouhan, Derrida), converge para o mesmo diagnóstico: viveríamos uma época de hipersincronização na qual o *delay* – que ele aproxima da “diferença” (*différance*) derridiana – estaria sendo inviabilizada pelas indústrias de programação mediadoras da vida contemporânea. Ver Stiegler, 2004, 2006a, 2006b.

sem os *constraints* da mortalidade (isto é, do corpo humano e sua finitude) (idem, pp. 22-23). Essa forma de vida manifesta-se pelas indústrias da vida saudável que produzem não – como se esperaria – uma alimentação menos envenenada e mais diversificada ou a diminuição do ciclo do trabalho e do estresse, mas a *resistência corporal* do indivíduo a partir do consumo de drogas que aumentam sua capacidade produtiva ou de adaptações corporais que fabricam plasticamente a ilusão de “juventude eterna” (idem, p. 12, 18-19). Ela – do ponto de vista da relação entre cultura e psicotrópicos – coloniza a utilização de psicodélicos que caracterizou a década de 60/70 com fins contraculturais para turbinar a produção, adestrando as forças subversivas que emergiram a partir das experiências alternativas de estados de consciência (idem, p. 64). O capitalismo 24/7 é um regime de permanente *ofuscação*, um “clarão da iluminação de alta intensidade” que resulta em uma experiência de “estridência ininterrupta do estímulo monótono” (idem, p. 43).

4. A Religião do Vale do Silício no Capitalismo 3.0

Podemos relacionar esse campo de análise, portanto, como uma leitura biopolítica – entendida essa como a esfera de produção de formas-de-vida – ultrapassadora do dualismo entre Estado e Mercado que caracteriza o debate entre neoliberais e estatistas. O Vale do Silício é a Igreja dessa nova forma de vida, sua propagadora e fabricante de ídolos, e o modelo 24/7 em termos de trabalho, produção e consumo, fechado em um espaço unidimensional e higienizado, é o emblema dessa nova sociedade que revitalizou, após a queda em 2008, o dito “neoliberalismo”, apresentando-o como aquilo que ele realmente é: um aceleracionismo capitalista voltado para a produção intensificada de mercadorias cuja rotação trabalho/consumo funciona segundo padrões iminentes e retroalimentadores (por exemplo, uma cadeira superconfortável – adequada a um modelo tecnologicamente incrementado – pode ser uma necessidade para quem leva uma vida 24/7 sentado em razão da demanda incessante de trabalho).

O Vale do Silício é uma Igreja porque o regime 24/7 é uma religião, inclusive com sua promessa de imortalidade. O capitalismo 3.0 composto pelas tecnologias de informação abastece-se do “transumanismo” e sua mitologia da “singularidade” (Crary, 2014, pp. 44-46). O indivíduo “desafetado” de Türcke e Stiegler – na verdade, submetido a uma extrema “violência neurológica” e portanto sob efeito traumático (Malabou, 2007) – promove uma espécie de “sublimação repressiva” na qual o próprio corpo é abstraído, uma operação de esvaziamento total na qual o espírito –

transformado pela indústria do silício em plataforma de dados – recebe sua recompensa paradisíaca pelo sofrimento mundano na redenção transumanista. Há uma inversão de circuito do *acting out* (para Türrcke, pelas tatuagens e piercings (2010, pp. 72-77); para Stiegler, pela violência extrema e suicídios (2006, pp. 72-76)) para uma modalidade de sublimação que cancela o próprio corpo, deslocando a “alma” para um material mais resistente, sua versão “ciborgue”, ou para a pura abstração imaterial⁶.

Fabian Ludueña, na sua genealogia jurídico-teológica do poder soberano como repressão da animalidade, demonstrou que todos os projetos “pós-humanistas” são, na realidade, uma continuação radicalizada do humanismo. Segundo ele, o projeto de “autopoiesis” formado na “zoopolítica” ocidental modelaria, no imaginário pós-humanista, uma “antropotécnica” que poderia eliminar o corpo humano reduzindo a uma forma cibernética de consciência, configurando uma espécie de “Evangelho Digital” cujo objetivo seria a “domesticação final do humano”. As “máquinas espirituais” de Ray Kurzweil seriam, portanto, a consumação total do projeto zoopolítico ocidental-cristão (Ludueña Romandini, 2010, pp. 199-207). Trata-se de uma orientação conglobante que não pode ser subestimada no seu peso ético-estético a configurar politicamente o cenário contemporâneo.

Assim, se entendemos que o “primeiro espírito do capitalismo” é aquele descrito por Max Weber e o “segundo espírito” é o descrito por Boltanski e Chiapello, podemos conceber já um “terceiro espírito” que supera o empresário *yuppie*, gestor eficiente e flexível, para conceber o *hipster* da era Google e Facebook, empreendedor-*designer* modulado na rotina 24/7 como imagem desse novo espírito. Se a “velha indústria” foi substituída, como postulam os negrianos, pelo “capitalismo cognitivo”, temos agora nessa figura a renovação aceleracionista da “eficiência”, entendida agora – nos moldes próximos da ideia de “sociedade de controle” de Gilles Deleuze – de forma a modular sua capacidade pela máxima intensificação produtiva para além dos ciclos humanos “naturais” (isto é, dos padrões configurados por cadeias mais longas de estabilidade que os atuais).

Afora essa vanguarda, a formatação atual do modelo tem uma retaguarda nos “BRICS” que podemos visualizar com privilégio desde a perife-

6 Ao contrário de ambos autores, no entanto, não se opõe o espírito, conceito tipicamente eurocêntrico e com vários perigos (Derrida, 1987), à tecnologia. Como a teoria do ator-rede, o próprio pensamento de Stiegler, outras filosofias da tecnologia (p.ex., Simondon, Deleuze, Derrida, Haraway) demonstram, não há oposição entre tecnologia e cultura – somos “ciborgues por natureza”. Trata-se, no entanto, de apresentar *variações composicionais* – ou outros “modos de existência” – que escapem ao aceleracionismo e ao crescimento extensivo colonial que caracteriza a Modernidade no Ocidente.

ria – eixo industrial-escravista (Ásia), base de insumos extrativista (América Latina) e até depósito de lixo industrial e laboratório de experimentação farmacológica (África), sem falar do *colonialismo escalonado* operante entre essa própria retaguarda (Pinto Neto, 2015). O neodesenvolvimentismo nacionalista brasileiro com seu *Plano de Aceleração do Crescimento* não conseguiu ser mais que um projeto totalmente defasado em muitos aspectos e inconsciente da sua atualização em outros. Ao apostar no capitalismo industrial contra o financeiro e no nacionalismo como valor unificador do pacto de classes (Singer, 2012, pp. 160-168, Bresser-Pereira, 2013), mostrou-se completamente anacrônico⁷.

Por outro lado, foi inconscientemente atualíssimo quando colocou a subjetivação pelo consumo como seu mote e o crescimento acelerado como principal objetivo, entrando na roda mundial do circuito 24/7. Como percebeu Türrcke, “a integração converteu-se em sinônimo de salvação da humanidade – esquecendo-se que, ainda há algumas poucas décadas, o conceito circulava em sentido contrário” (2010, p. 59). É possível encaixar perfeitamente a versão contemporânea neodesenvolvimentista que equi-para cidadania e consumo e sua mítica “ascensão à classe média dos pobres” naquilo que o filósofo expressa assim:

Não eram excluídos da sociedade, mas apenas das compensações decisivas. Que esse simples fato, hoje, não seja mais óbvio, que por toda parte se entenda pelo termo “integração” apenas um fator secundário – ou seja, o conjunto de possibilidades de seguridade, benefícios ou organizações coletivas que uma sociedade proporciona a seus membros – e não o fator primário de uma adaptação forçada, que lhe antecede, está relacionada com a natureza da moderna socialização capitalista que promove uma certa confusão deliberada com as realizações de sua integração (...). Gradualmente, foi sugando a população como um todo para dentro de si, obrigando a maioria não apenas a oferecer algo, mas também a colocar a si próprio à venda, a própria força de trabalho isolada. O mercado começou, assim, a regular o processo de trabalho como um todo. É possível falar de uma ‘era moderna’ a partir do momento em que o potencial de sucção do mercado se torna a principal força de integração da sociedade (Türrcke, 2010, pp. 61-62).

7 Dizem Srnicek e Williams: “Na melhor das hipóteses, eles responderam à nossa presente crise com chamados a um retorno à economia keynesiana, apesar da evidência de que as condições que possibilitaram a social-democracia do pós-guerra não existem mais. Não podemos absolutamente retornar por decreto ao trabalho industrial-fordista de massa. Mesmo os regimes neossocialistas da Revolução Bolivariana da América do Sul, ainda que animadores em sua habilidade de resistir aos dogmas do capitalismo contemporâneo, se mantêm lamentavelmente incapazes de apresentar uma alternativa para além do socialismo de meados do século 20” (2013).

Mas o que poderia acontecer nesse caso, senão o que aconteceu? O Estado Grande acabou mostrando sua “ineficiência”, isto é, sua incapacidade de acelerar no ritmo desejado em relação ao mercado, mais “competitivo”. A subjetivação pelo consumo, com a medida do incremento tecnológico e da extensificação do crescimento econômico, acaba produzindo um grande público “exigente”, como costuma acontecer aos consumidores, e, portanto, reticente quanto à capacidade do Partido dos Trabalhadores (PT) – até então agente dinamizador do mercado do consumo com a inclusão social – de promover essa aceleração.

Como afirma Crary, “não deixa de ser atraente a tentação de nos alinharmos a uma sequência de consumo contínua, baseada em promessas de maior eficiência – a despeito da postergação de todos os benefícios reais” (2014, p. 54). Fazer girar essa roda inapagável e incansável supera mesmo o desejo de acumular: “o que está em jogo é a confirmação de que nossa vida, bombardeada de publicidade, acompanha os aplicativos, dispositivos ou redes disponíveis” (idem). O desenvolvimentismo perde o jogo que *escolheu jogar*, seu modelo é anacrônico e joga com menor eficiência no mesmo tabuleiro do “neoliberalismo”: o aceleracionismo capitalista.

Não há, portanto, uma nova “Guerra Fria” entre os mundos norte-americano (europeu, neoliberal) e chinês (desenvolvimentista, dos BRICs e bolivarianos), como alguns tentam visualizar⁸, mas sim um grande plano escalonado de esferas de aceleração capitalista, com a progressiva implementação da forma de vida moldada pelo consumo e produção ininterrupta capturada na tempestade de estímulos e “desafetação” em relação à experiência corpórea.

5. Esqueçam o neoliberalismo!

A eleição do termo “neoliberalismo” coloca a disputa Estado vs. Mercado como a decisiva, jogando o contraponto para a posição de defensor do Estado. Ele parece ter sido cunhado por nostálgicos do Estado de bem-estar social que creem nas possibilidades de uma burocracia forte promover a igualdade, compensando a monetarização dos serviços públicos que o mercado promove. Sabemos exatamente os dilemas que esse modelo produz, em especial a ineficiência, a corrupção e danos colaterais como a inflação e a insustentabilidade financeira das suas políticas (gerada não só por questões atuariais, mas também porque o “grande acordo” que promove na sociedade tende a fazer com que seus dirigentes – sem-

8 Comparar, por exemplo, Fiori (2013) e Matos (2014).

pre caminhando na direção tecnocrática – não enfrentem os mais poderosos economicamente, gerando uma compensação distributiva que reduz a desigualdade).

Mas não é só isso. Na verdade, os anos 60 e 70, a partir da emergência das contraculturas, apresentaram *alternativas de individuação* que ultrapassavam a forma-Estado e seu modelo de cidadania, contestando o *tabuleiro do jogo* Estado vs. Mercado. Desde esse momento, a tradicional disputa entre igualdade/Estado vs. liberdade/Mercado foi substituída por uma nova concepção de liberdade e igualdade em que a singularização acontecia em meio a um processo social e coletivo, sem que os valores precisassem ser tratados como opostos. A liberdade que o mercado oferecia apareceu como simples liberdade de consumir, escravizada pela exigência de trabalho e adequação a padrões sociais construídos por meio do aparato espetacular que se tornou complementar ao capitalismo.

A igualdade, por outro lado, reduzia os indivíduos à condição de massa amorfa, destruindo suas potencialidades em nome da construção serial que a transformação da sociedade em “Grande Indústria” havia promovido. O Estado de bem-estar produzia, com a melhoria da qualidade de vida, as condições para a ultrapassagem de instituições e exigências que já apareciam sem sentido, obedecendo a leis invisíveis e irracionais e burocratizando a vida. O protesto contra o trabalho e o dinheiro, contra a carece e o conformismo atingiam, ao mesmo tempo, o Mercado e o Estado. Duas faces da mesma moeda, da “sociedade do trabalho” ou, como dizia Herbert Marcuse, do “homem unidimensional”.

Marcuse – entre tantos outros – pode auxiliar, já que refletiu profundamente sobre o impacto do modelo *bem-sucedido* do Estado de bem-estar social europeu e o *Welfare state* norte-americano sobre os indivíduos na sua clássica obra *O Homem Unidimensional*, que, aliás, atacava todos os modelos então vigentes (liberalismo, social-democracia e socialismo soviético). Entendendo o progressismo como produto da sociedade industrial, Marcuse mostrou que esta era “um universo *político*, a fase mais atual de um *projeto* histórico específico – a saber, a experiência, a transformação da natureza como o mero material de dominação”. Para o filósofo, “o potencial de produtividade e crescimento desse sistema estabiliza a sociedade e contém o progresso técnico dentro da estrutura de dominação” (Marcuse, 1972, p. 19).

Assim, desenvolve uma liberdade “confortável, suave, razoável e democrática”, criando um ambiente totalitário mantido sem o uso do terror e produzindo falsas necessidades capazes de aprisionar os sujeitos nos seus mecanismos de controle (idem, pp. 23-28). “Progresso”, diz Marcuse, “não

é um termo neutro; encaminha-se para fins específicos, e esses fins definidos pelas possibilidades de melhorar a condição humana” (idem, p. 35). A unidimensionalidade da sociedade industrial produziria indivíduos integrados, mas ainda assim submetidos a uma condição de servidão (idem, p. 49), como é o lugar hoje em dia ocupado pelo sujeito envidado, e “dessublimação repressiva” (idem, pp. 83-90). Reduzindo as metas ao calculável, a unidimensionalidade priva os sujeitos de saltos qualitativos que se contraponham à repetição automática de uma liberdade sob controle.

Não por acaso os principais autores mencionados – Boltanski/Chiappello, Türccke, Stiegler e Crary – voltam-se para Marcuse e o impacto das contraculturas quando se trata do debate em torno dessa aceleração. O cerne do debate está em qual o papel e como receber o legado daqueles que realmente desafiaram a *forma de vida capitalista* para além da burocracia estatal. Ao colocar o “neoliberalismo” como rival e reavivar o fetiche no Estado, desperdiça-se essa experiência dos anos 60/70 e tudo que se produziu experimentalmente, com erros e acertos, em termos teóricos e práticos nos anos posteriores, reduzindo-se a uma idolatria do Estado que fatalmente termina na mesma tecnoburocracia verticalizadora, dirigista, corrupta e ineficiente. Ou seja, uma oligarquia de forma estatal que abre o flanco para que o “Mercado” apareça como flanco de renovação, como elemento “modernizador”.

Esses outros que resistem – os “extramodernos” – são hoje chamados de vários nomes: índios, terranos, vagabundos, piratas. Eles são o “outro lado” dessa guerra que não envolve apenas sujeitos humanos e suas elaborações simbólicas (e muito menos qualquer impulso tecnóforo em um sentido simplório), mas composições em rede de agências heterogêneas em guerra em torno da possibilidade de um ou muitos projetos existenciais, como, por exemplo, a unidimensionalidade aceleracionista do projeto desenvolvimentista e neoliberal – fundados em produção, renda e consumo – e o “mundo onde caibam muitos mundos” dos zapatistas e outros povos indígenas que habitam as Américas⁹.

Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. Trad. Selvino Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. *Metrópolis*. Trad. Vinícius Honesko. *Sopro*, n. 26, abril/2010.

Arantes, Paulo. *Zero à esquerda*. São Paulo: Conrad, 2004.

9 Ver, a propósito, Matos, 2014; Danowski e Viveiros de Castro, 2014; Latour, 2014; Cesariño, 2008.

- BAUMAN, Zygmunt. *Em busca da política*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- _____. *Globalização*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BOLTANSKI, L; CHAPELLO, E. *O novo espírito do capitalismo*. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. O governo Dilma frente ao “tripé macroeconômico” e à direita liberal e dependente. *Novos Estudos – CEBRAP*, 95 (2013), 5-15.
- CAVA, Bruno; ARENCÓN BELTRÁN, Sandra (Orgs.). *Podemos e Syriza: experimentações políticas e democracia no século 21*. Rio de Janeiro: Annablumme, 2015.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CESARINO, Pedro de Niemeyer. Culturas múltiplas versus monocultura. *Lugar Comum*, ns. 25-26 (2008).
- CRARY, Jonathan. *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. Trad. Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- DANOWSKI, D. e Viveiros de Castro. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie/Instituto Socioambiental, 2014.
- DAVIS, Mike. *Planeta Favela*. Trad. B. Medina. São Paulo: Boitempo, 2006.
- DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. Trad. L. Monjardim. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- DERRIDA, Jacques. *De l'esprit: Heidegger et la question*. Paris: Galilée, 1987.
- FIORI, José Luís. O Brasil e seu “entorno estratégico” na primeira década do século XXI. In: *10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma*. Org. Emir Sader. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FLACSO Brasil, 2013.
- FURTADO, Celso. O verdadeiro desenvolvimento. *Celso Furtado essencial*. Organização, apresentação e notas de Rosa D'Aguiar. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2013.
- _____. Elementos para uma teoria do subdesenvolvimento. In: *Celso Furtado essencial*. Organização, apresentação e notas de Rosa D'Aguiar. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras.
- _____. O desenvolvimento do ponto de vista interdisciplinar. In: *Celso Furtado essencial*. Organização, apresentação e notas de Rosa D'Aguiar. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras.
- _____. A superação do subdesenvolvimento. In: *Celso Furtado essencial*. Organização, apresentação e notas de Rosa D'Aguiar. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras.
- GARLAND, David. *The culture of control: crime and social order in contemporary society*. Chicago: Chicago University Press, 2001.
- GUTIERREZ, Bernardo. Três anos de revoltas interconectadas. In: *Amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ano que não terminou*. Orgs: Cocco, G. e Cava, B. Rio de Janeiro: Annablumme, 2013.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. Trad. Marcus Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- JENNINGS *et al.* *Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?* São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2014
- LATOUR, Bruno. Para distinguir os amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 57, n. 1 (2014).
- LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. Trad. Rubens Frias. São Paulo: Centauro, 2001.
- LUDUEÑA ROMANDINI, Fabian. *La comunidad de los espectros*, 1. Antropotecnia. Buenos Aires: Mino Dávila, 2010.
- MALABOU, Catherine. *Les nouveaux blessés: de Freud à la neurologie, penser les traumatismes contemporains*. Paris: Bayard, 2007.
- MARCUSE, Herbert [1964]. *A ideologia da sociedade industrial*. Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- MARICATO, Erminia. *O impasse da política urbana no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MATOS, Marcus. Cosmopolemos: notícias de uma guerra de mundos. Texto apresentado no evento 'Os mil nomes de Gaia'. Disponível em https://www.academia.edu/16526132/Cosmopolemos_not%C3%ADcias_de_uma_guerra_de_mundos. Acesso em 25.6.2016.
- NÉRI, Marcelo (Org.). *A nova classe média: o lado brilhante dos pobres*. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2010.
- NOYS, Benjamin. *The persistence of the negative: a critique of contemporary continental philosophy*. Edimburgh: Edimburgh University Press, 2012.
- _____. *Malign Velocities: accelerationism and capitalism*. Winchester, UK / Washington, USA: Zero Books, 2015.
- PINTO NETO, Moysés. O progressismo como modernização unidimensional. In: *Governo, cultura e desenvolvimento: reflexões desde a Amazônia*. Org. Christian Nienov et al. Porto Alegre: Editora Fi, 2015.
- _____. Política no fim do mundo. PISEAGRAMA, v. 8. Belo Horizonte: Rona Editora, 2015b.
- _____. *Movimentos sociais na era do Antropoceno*. No prelo, 2016.
- POCHMANN, Marcio. *O mito da grande classe média: capitalismo e estrutura social*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- RISÉRIO, Antonio. *A cidade no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- SADER, Emir. A construção da hegemonia pós-neoliberal. In: *10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma*. Org. Emir Sader. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FLACSO Brasil, 2013.
- SCHAVELZON, Salvador. El fin del relato progressista en América Latina. *La razón*. Disponível em <http://www.la-razon.com/suplementos/animal_politico/fin-relato-progresista-America-Latina_0_2292970735.html>. Acesso em 16.7.2015.
- SHAVIRO, Steven. Accelerationist aesthetics: necessary inefficiency in times of real subsumption. *E-Flux*. Journal # 46, 06/2013.
- _____. *No speed limit: three essays on accelerationism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2015.
- SINGER, André. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

STIEGLER, Bernard. *Mécreance et discrédit*, 1. La décadence des démocraties industrielles. Paris: Galilée, 2004.

_____. *Mécreance et discrédit* – 2. Les sociétés incontrôlables d'individus désaffectés. Paris: Galilée, 2006a.

_____. *Mécreance et discrédit*, 3. *L'esprit perdu du capitalisme*. Paris: Galilée, 2006b.

SRNICEK, Nick; WILLIAMS, Alex. *Inventing the future*. London/NY: Verso, 2015.

_____. Manifesto aceleracionista. *Lugar Comum*, # 41 (2014). Disponível em: <http://uninomade.net/lugarcomum/41/>. Acesso em 27.03.2015.

_____. #Accelerate: Manifesto for an accelerate politics. In: MACKAY, Robin; AVANESSIAN, Armen (Orgs.). *#Accelerate: the accelerationism reader*. UK: Urbanomic, 2013.

TÜRCKE, Christoph. *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Trad. A. Zuin et al. Campinas: Unicamp, 2010.

_____. *Filosofia do sonho*. Trad. Paulo Schneider. Ijuí: Unijuí, 2010b.

WACQUANT, Loïc. *As prisões da miséria*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

YOUNG, Jock. *A sociedade excludente*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert
- N. 03 *O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo* – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 04 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 05 *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 06 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 07 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 08 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Klipp
- N. 09 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 10 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 11 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Édison Luis Gastaldo
- N. 12 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 13 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 14 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 15 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 16 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 17 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krischke Leitão
- N. 18 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 19 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 20 *Os donos do Poder, de Raymond Faoro* – Helga Irace-ma Ladgraf Piccolo
- N. 21 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 22 *Construindo novos caminhos para a intervenção sociotária* – Lucilda Selli
- N. 23 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 24 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 25 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 26 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nisia Martins do Rosário
- N. 27 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 28 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 29 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 30 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 31 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 32 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 33 *A meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – André Sidnei Muskopf
- N. 34 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 35 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 36 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 37 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Airton Luiz Jungblut
- N. 38 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 39 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 40 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 41 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 42 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 43 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 44 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Edison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leister, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 45 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 46 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 47 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
- N. 48 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 49 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 50 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 51 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evilázio Teixeira
- N. 52 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Éida Azevedo Henington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 53 *Ética e emoções morais* – Thomas Kesseling
- N. 54 *Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Adriano Naves de Brito
- N. 55 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 56 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 57 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 58 *O crescimento como condição de uma sociedade convívil* – Serge Latouche
- N. 59 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 60 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 61 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 62 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 63 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman

- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke
- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octavio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missionária colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnologia* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Marín Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premevida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, temo e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janelas: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montano
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baio
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de modelos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Pettele
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins

- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: o caso dos guarani* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greycy Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowa e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Máio Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimizações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente, solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci

- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Domelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ángel Flach
- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Elul* – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odelso Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação* – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
- N. 217 *A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend* – Hans Georg Flickinger
- N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
- N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
- N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduardo Franco
- N. 221 *Neofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
- N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato
- N. 223 *Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão* – Jesús Conill Sancho
- N. 224 *O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867)* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais* – Xavier Albó
- N. 226 *Justiça e perdão* – Xabier Etxeberria Mauléon
- N. 227 *Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor)* – Martín Almada
- N. 228 *A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo* – Sandro Chignola
- N. 229 *Um olhar biopolítico sobre a bioética* – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 *Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil* – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho
- N. 232 *Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul* – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 *Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança* – Elsa Cristine Bevilan
- N. 234 *O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira* – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 *Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945)* – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 *Economias Biopolíticas da Dívida* – Michael A. Peters
- N. 237 *Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação* – Halina Macedo Leal
- N. 238 *O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global?* – Leandro Inácio Walter
- N. 239 *Brasil: A dialética da dissimulação* – Fábio Konder Comparato
- N. 240 *O irrepresentável* – Homero Santiago
- N. 241 *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 *Uma crise de sentido, ou seja, de direção* – Stefano Zamagni
- N. 243 *Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão* – Dirce Koga
- N. 244 *A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal* – Alexandre Filordi de Carvalho



Moysés Pinto Neto. Doutor em Filosofia (2013) pela Pontifícia Universidade Católica do RS (2010-2013) com período-sanduíche no Centre for Research in Modern European Philosophy (Kingston – UK). Mestre em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2007). Especialista em Ciências Penais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2005). Graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1998-2003). Conselheiro do Instituto de Criminologia e Alteridade (ICA). Atualmente é Professor da ULBRA. Foi Coordenador-Adjunto do Curso de Direito

da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA-Canoas) (2009-2011), Professor Substituto do Departamento de Ciências Penais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008-2009), Professor de Filosofia na UNIVATES (2004) e Professor em diversos cursos de especialização na área de ciências criminais e direitos humanos. Pesquisa nas áreas: metafísicas contemporâneas, ecologia, tecnologia, materialismos, biopolítica, pensamento de Jacques Derrida, psicanálise, ciências cognitivas e interfaces interdisciplinares acerca da violência.

Algumas obras do autor

PINTO NETO, Moysés. *O Rosto do Inimigo: um convite à desconstrução do Direito Penal do Inimigo*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2012.

_____; CARVALHO, Salo de; MAYORA, M.; LINCK, J.A.G. *Criminologia Cultural e Rock*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.

Outras contribuições do autor

PINTO NETO, Moysés. Da incompreensão das ruas à judicialização da política brasileira. *Revista do IHU, São Leopoldo*, [21/03/2016], p. 70-82. Entrevista concedida a João Vítor Santos.

_____. *A política brasileira com as vísceras expostas*. Entrevista especial publicada por IHU On-Line, em 15/12/2015. Entrevista concedida a Leslie Chaves e Patricia Fachin. Disponível em: <http://goo.gl/A4KPml>

_____. *Crise política e a desconstrução do país*. Entrevista especial com Moysés Pinto Neto. Entrevista especial publicada por IHU On-Line em 23/09/2015. Disponível em: goo.gl/w8hPT4.

_____. Insatisfação, turbulência e a disputa entre a velha e a nova política. *Revista IHU Online*, n. 461, [23/03/2015], p. 38 – 43. Entrevista concedida a Patricia Fachin.

_____; PALMQUIST, Helena. *A incansável denegação do genocídio e o índio inexistente*. Entrevista especial publicada por IHU On-line, em 12 de Agosto de 2014. Disponível em: <http://goo.gl/F0gP0s>.

_____. *O “voto crítico” reelegeu Dilma. Pós-eleições, as contradições voltam à cena*. Entrevista especial publicada por IHU On-line, em 07 Novembro 2014. Disponível em: <http://goo.gl/0imxli>. Entrevista concedida a Patricia Fachin.

_____. *“A redução da alteridade do outro em mera representação do inimigo é pura violência”*. Entrevista especial publicada por IHU On-Line, em 20 Setembro 2012. Disponível em: <http://goo.gl/rpR3bw>.



UNISINOS